



A RELAÇÃO ENTRE AS MARCAS TEXTUAIS DAS BULAS DE MEDICAMENTOS E A
IDENTIDADE DO LEITOR
(THE RELATION BETWEEN THE TEXTUAL MARKS OF DRUGS
INSTRUCTIONS AND THE IDENTITY OF THE READER)

Evelyn Goyannes Dill ORRICO,
Lucia Maria Alves FERREIRA,
Mauricio Brito de CARVALHO (UNIRIO).

ABSTRACT: *we show how the identity of the idealized reader of drug instruction leaflets can be inferred from the discourse markers which are present in the Information to Patients section of the text.*

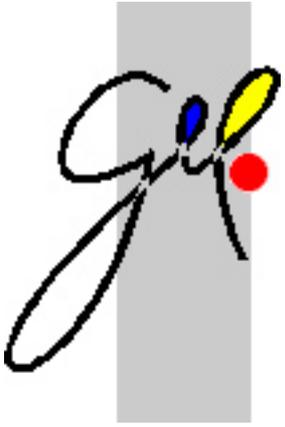
KEYWORDS: *identity, drug instructions, educated reader*

0. Introdução

O presente trabalho se insere no contexto mais amplo do Mestrado em Memória Social e Documento da UNIRIO, onde procuramos analisar de que formas os conceitos de memória social e identidade interagem, através da linguagem. Aprofundamos análises que se utilizam desses conceitos (de memória social e de identidade, veiculadas através de documentos) por uma abordagem multidisciplinar, onde historiadores, psicanalistas, filósofos, sociólogos e linguistas estão procurando mostrar facetas até então não exploradas pelos teóricos que lidaram com essas noções, notadamente aqueles da área da História. Nossa análise a seguir procurará apresentar aspectos lingüísticos que contribuem para o estabelecimento de um paralelo mais direto entre identidade e as marcas lingüísticas que aparecem nos documentos examinados.

Nosso ponto de partida são as bulas de remédios, mais especificamente, a seção *Informações ao Paciente*, distribuídas dentro dos medicamentos vendidos nas farmácias no Brasil. Nosso pressuposto inicial era de que poderíamos tratar as bulas como um gênero discursivo próprio (cf. Bathia, 1993), já que são documentos dirigidos a um público em linguagem específica e característica, o que nos parecia poder ser caracterizado, com relativa facilidade, como um gênero discursivo independente. Nossas complicações surgiram quando começamos a refletir sobre o óbvio: demo-nos conta de que o propalado 'público alvo' das bulas nada mais era do que a totalidade dos possíveis doentes brasileiros, ou seja, a nação inteira. Isso adicionou um problema aparentemente insolúvel: como caracterizar um gênero discursivo próprio (o gênero-bula), que pressupõe uma comunidade discursiva específica, quando a realidade é que esse público específico não passa da nossa equivocada idealização, na medida em que se constitui da (potencialmente) totalidade de indivíduos do país?

As bulas são documentos complexos, compostos de várias partes: *posologia, indicações, modos de usar, informações ao paciente, informação técnica*, que apresentam diferenças textu-



ais consideráveis, que se evidenciam por características lingüísticas diversificadas, a níveis lexical, semântico, sintático e pragmático. Por exemplo, a linguagem usada nas *Informações ao Paciente* difere bastante daquela usada nas *Informações Técnicas*. Na medida em que nas *Informações aos Pacientes* vemos a tentativa de interação laboratórios / consumidores, pareceu-nos que um estudo desta parte das bulas viria a esclarecer aspectos identitários apontados pelos elaboradores das bulas em relação ao público-alvo. Foi assim que chegamos ao objeto de estudo deste trabalho: uma consideração da linguagem empregada nas *Informações ao Paciente* das bulas.

Acreditamos que os laboratórios farmacêuticos se comunicam simultaneamente com diversas comunidades discursivas através destes documentos: a classe médica (que deve se informar sobre os possíveis benefícios e / ou danos que os medicamentos por eles próprios receitados podem causar) e um leitor idealizado adulto letrado, culto, proficiente na língua padrão escrita, que é usuário de medicamentos. Nosso trabalho consiste em identificar esse leitor idealizado, partindo das marcas textuais dos documentos produzidos pelos laboratórios. Aventamos, assim, que a indústria farmacêutica elege, dentre o potencialmente diversificadíssimo público-alvo, um pequeno grupo de leitores que consegue ser corretamente informado dos benefícios e / ou malefícios de tomarem medicamento X ou Y. Se, por um lado, é lamentável que milhões de pessoas não consigam entender as importantes recomendações contidas nas bulas de remédios, por outro lado, não é fácil (possível?!) a tarefa de se fazer ouvir e ser entendido por público tão heterogêneo.

Passemos, pois, à análise lingüística propriamente dita.

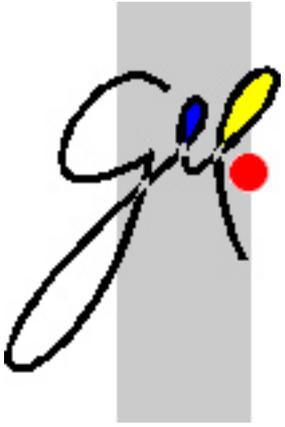
1. Nossa análise

Por uma questão de conveniência metodológica, será mais fácil tratarmos separadamente de cada um dos aspectos (semântico-sintáticos) dos textos em apreço. Acreditamos que uma análise passo-a-passo mostrará como há grande coincidência de características comuns aos diversos documentos examinados, documentos esses produzidos por diferentes laboratórios, já que nossa base de dados inclui uma escolha aleatória de bulas de remédios. Cumpre registrar que os exemplos aqui citados representam parte mínima (embora significativa) da exemplificação disponível.

2. Aspectos lexicais

Há abundante ocorrência de itens vocabulares típicos da norma escrita culta, que só seriam imediatamente entendidos pelo leitor idealizado que estamos propondo ser um dos alvos principais dos documentos em apreço. Nos exemplos a seguir, sublinhamos os itens passíveis de causarem algum tipo de dificuldade de compreensão:

(1) [Adalat ®] é um medicamento para o tratamento da angina do peito e da pressão alta. A substância ativa de Adalat ® é sensível à luz; por isso, está protegida pela cápsula e pelo frasco escuro... Contudo, deve ser evitada a exposição à luz solar e a temperaturas superiores a 25 °C, e as cápsulas só devem ser retiradas do frasco imediatamente antes do uso.



Quando administrado após o término do prazo de validade de 2 anos, o produto não será mais eficaz.

O tratamento com este medicamento deve ser interrompido se ocorrer gravidez, devendo-se somente restabelecê-lo, se indicado, após o término da amamentação. Informe a seu médico sobre a ocorrência de gravidez na vigência do tratamento ou após o seu término e também se estiver amamentando. (por razões de espaço, a paragrafação original não foi respeitada)

Há inúmeros graus de dificuldade vocabular exemplificados pela citação acima, inteiramente retirada dos primeiros parágrafos da seção *Informações ao Paciente* de um único documento. Poderíamos optar por retirar nossa exemplificação de qualquer um dos parágrafos dos documentos de nossa base de dados (55 bulas digitadas, escolhidas aleatoriamente) e as dificuldade seriam exatamente as mesmas.

Acreditamos que quaisquer dos termos sublinhados venham a apresentar algum tipo de dificuldade ao leitor que não domina o padrão escrito culto (sendo que, naturalmente, alguns termos apresentam mais, outros menos dificuldades). Poderíamos descer a maiores detalhes classificatórios, decidindo que palavras causam dificuldades medianas (*medicamento, frasco, cápsula*, por exemplo) e que palavras dificuldades maiores (*eficaz, vigência*, por exemplo). Isso não é tão importante de se estabelecer aqui e agora, já que é assunto pouco estudado e potencialmente polêmico.

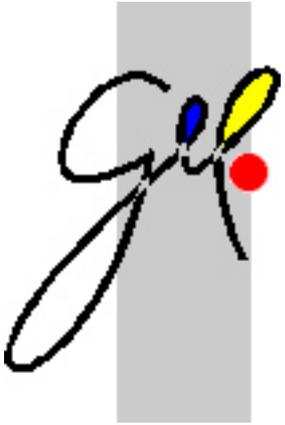
O vocabulário apresentado acima pressupõe um leitor familiarizado com a linguagem escrita culta, ou seja, um número reduzidíssimo de leitores possíveis, dentro do universo em apreço. Parece fato, portanto, que o leitor da bula é um leitor idealizado, que em verdade faz parte das representações internalizadas por aqueles que redigem as bulas em nome do laboratório (e que é, evidentemente, referendada por esse mesmo laboratório, na medida em que o documento bula, dali advindo, é tomado como sendo um produto da indústria farmacêutica X, Y, Z; passa portanto pelo crivo e pela aceitação de outros profissionais que representam, por assim dizer, os anseios comunicativos dos laboratórios em relação ao público-alvo das bulas).

3. Vocabulário técnico da área médico-farmacêutica

Até mesmo a seção *Informação aos Pacientes* apresenta abundante uso de termos oriundos da área médica. Há nomes de substâncias químicas, nomes de órgãos menos conhecidos de grande parte do cidadão comum, nomes formais de reações adversas a medicamentos. Claramente, a maior parte dessas expressões poderá ser compreendida pelo privilegiado leitor objetivado pelos laboratórios: indivíduo letrado, culto, proficiente na língua padrão escrita, conhecedor de anatomia e com noções de bioquímica / farmácia.

Vejamos alguns exemplos que certamente poderiam causar problemas de compreensão a muitos:

(2) *Adalat® não deve ser usado por pacientes hipersensíveis à nifedipina ou por aqueles com angina instável ou que tenham tido infarto do miocárdio recentemente ou choque cardiovascular. Pacientes com pressão arterial muito baixa ou com insuficiência cardíaca ou com estenose aórtica grave devem receber cuidados especiais. Em pacientes com alteração da função hepática, pode ser necessário reduzir-se a dose.*



Quantos saberão o que possa vir a ser um paciente sensível à *nifedipina*? A conclusão de que essa substância possa ser a substância ativa do medicamento em questão é somente possível a um sofisticado leitor, que saiba serem compostos os medicamentos de substâncias ativas que ‘se escondem’ por trás das marcas comerciais dos diversos medicamentos distribuídos nas farmácias do país.

Grande parte dos leitores certamente entenderá a referência à *pressão arterial* ou à *insuficiência respiratória*, ao passo que a *estenose aórtica grave* e a *angina instável* provavelmente causarão espécie a muitos.

4. Voz passiva

A voz passiva caracteriza-se pela topicalização do objeto direto da ativa, que passa, assim, a exercer a função de sujeito da oração passiva. Esse procedimento sintático tem importante consequência semântica pois faz com que atribuamos ao elemento topicalizado ênfase especial, com seu deslocamento para a esquerda da oração (dito diferentemente, essa promoção a sujeito da oração faz com que o objeto direto topicalizado passe a ser considerado como o tema da oração, isto é, como o elemento que contém informação nova para o leitor / ouvinte).

A voz passiva é um processo sintático-semântico que requer maior esforço processual por parte do decodificador da mensagem, assim sendo as orações passivas são de entendimento mais difícil do que suas correspondentes orações na voz ativa.

Vejamos um exemplo:

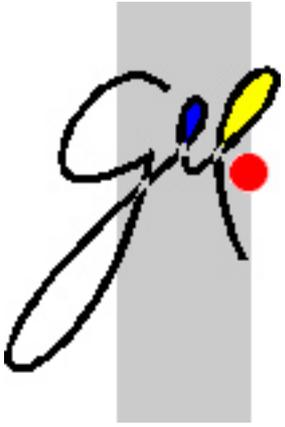
(3) *Feldene não deve ser administrado a pacientes sofrendo de úlcera péptica e àqueles portadores de asma, rinite, ou reações alérgicas da pele causadas por ácido acetil-salicílico ou outro medicamento antiinflamatório.*

A dificuldade em se processar o significado da construção passiva em (6), que está veiculando importante informação ao paciente, é aumentada pela ocorrência simultânea de dois fatores complicadores: o uso de linguagem típica da norma culta (o verbo *administrar*, aqui sendo usado no seu particípio passado) e o uso de linguagem característica da área médico-farmacêutica (*úlcera péptica, rinite, reações alérgicas, ácido acetil-salicílico, medicamento antiinflamatório*). Além de o leitor ter de decodificar uma construção mais complexa (a voz passiva), tem ainda de lidar com vocabulário formal + o uso de linguagem somente facilmente compreendida por falantes que estão familiares com o uso de termos médico-farmacêuticos.

5. Nominalização

A nominalização é um processo pelo qual o emissor da mensagem (falante / escritor) torna a informação mais compacta, na medida em que, muitas vezes, ocorre um SN complexo; a nominalização exige, cognitivamente, mais esforço processual por parte do decodificar (ouvinte / leitor) do que a sua forma verbal correspondente.

O processo de transformação de verbos em substantivos é denominado por Halliday



(1985) (apud Nunan (1993: 12) de **metáfora gramatical**. Halliday sugere que as formas verbais são, em um certo sentido, mais básicas do que as formas nominalizadas), pois a transformação de verbos em substantivos altera o estado normal dos acontecimentos. Em outras palavras, processos verbais ou funções no sistema gramatical que seriam normalmente representados por verbos foram 'coisificados', transformados em coisas / objetos, e representados como substantivos. Para essas transformações cognitivamente complexas, Halliday reserva o termo 'metáfora'.

Vejamos um exemplo do processo de nominalização:

(4) [DEPAKENE] A interrupção repentina do tratamento com este medicamento não causa efeitos desagradáveis;

Há maior dificuldade cognitiva em se compreender o significado de *a interrupção repentina do tratamento* do que de se processar o correspondente *Se o paciente interromper repentinamente o tratamento...* Além disso, cumpre observar que, em (4) acima, estamos diante de duas nominalizações consecutivas, isto é, *o tratamento com este medicamento* é uma nominalização por si só, exercendo o papel de adjunto adnominal do substantivo *interrupção*. O esforço de processamento de tais estruturas, somado ao uso do item lexical *interrupção* (da norma culta) acaba por adicionar, mesmo que não significativamente, ligeiro grau de complexidade processual na leitura sendo efetuada.

Este ponto, aliás, merece atenção: a freqüente co-ocorrência de vários pequenos fatores de dificuldade somam-se muitas vezes uns aos outros, tornando a decodificação das mensagens ainda mais problemática para o leitor pouco sofisticado. No caso em apreço, temos o uso de uma palavra da norma culta (*interrupção*), como núcleo nominal de um SN complexo (*a interrupção repentina do tratamento com este medicamento*); soma-se a essa dificuldade, o fato de esse SN complexo agregar um outro SN (*o tratamento com este medicamento*).

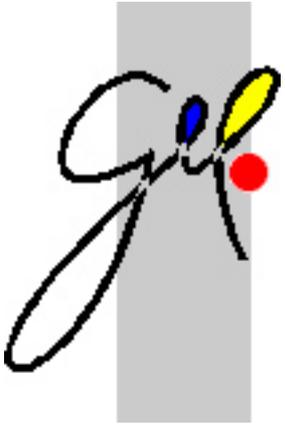
6. Uso de orações parentéticas

As expressões ou orações parentéticas são, evidentemente, motivo de grande dificuldade para o leitor menos sofisticado. O que acontece com esse tipo de construção é que o leitor / ouvinte tem de interromper o processamento que está fazendo da construção / oração, processar a oração / construção intermediária, e voltar a completar o processamento que havia sido interrompido no meio. É claro que tal procedimento só é bem sucedido em se tratando de leitor / ouvinte com capacidade de processamento de duas orações / construções simultaneamente. Vejamos um exemplo:

(5) [ADALAT] *O tratamento com este medicamento deve ser interrompido se ocorrer gravidez, devendo-se somente restabelecê-lo, se indicado, após o término da amamentação.*

Em (5) temos a ocorrência da oração reduzida de particípio *se indicado* dentro da oração reduzida de gerúndio *devendo-se somente restabelecê-lo após o término da amamentação*. Além de estarmos diante de um caso de processamentos que devem ocorrer simultaneamente, temos a adicional complicação de que se trata de duas orações reduzidas, uma dentro da outra. É fato que orações reduzidas são de processamento menos imediato que orações plenas, pois as orações reduzidas (de gerúndio e de particípio) são um tipo de construção que só se adquire em um período posterior da aquisição de proficiência em uma língua.

Haja, portanto, sofisticação necessária para que um leitor consiga corretamente decodifi-



car o sentido desejado pelo elaborador da bula em questão.

7. Conclusões

Vimos, assim, cinco diferentes aspectos lingüísticos que são problemáticos para o bom entendimento da linguagem das bulas de remédios por parte de um leitor menos sofisticado:

- (1) dificuldade vocabular;
- (2) vocabulário técnico da área médico-farmacêutica;
- (3) voz passiva;
- (4) nominalização;
- (5) parentéticos.

Acrescidos a essas dificuldades, em si só bastante problemáticas para um sem número de leitores que fazem (ou deveriam fazer) uso das bulas de remédios para sua informação, há alguns outros aspectos que tornam a situação ainda mais crítica para tal leitor: a co-ocorrência de construções de difícil processamento. Isto é, não só são empregadas construções de difícil processamento mas também soma-se a essa dificuldade inicial o fato de que são às vezes empregadas mais de uma construção difícil ao mesmo tempo (como a ocorrência de uma oração parentética reduzida de participio, dentro de uma oração reduzida de gerúndio, vista no exemplo 5 do texto acima).

O que a exemplificação acima indica é que os laboratórios farmacêuticos que produzem as bulas de remédio o fazem tomando como modelo um leitor adulto letrado, culto, proficiente na língua padrão escrita.

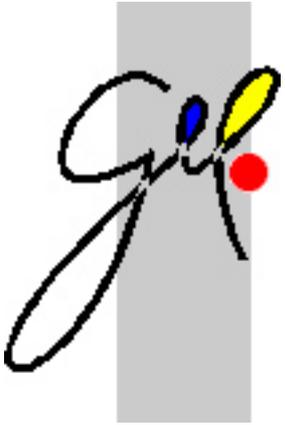
Mostramos, no decorrer do trabalho, como pistas lingüísticas nos apontam ao modelo de leitor-padrão idealizado por aqueles que elaboram as bulas. Isto é, a representação da identidade do leitor-alvo dos laboratórios farmacêuticos é deduzível pelo tipo de linguagem a ele dirigido. Mostramos, assim, como fatores identitários podem ser inferidos pelas marcas lingüísticas presentes em um certo tipo de documentos — as bulas. Sendo a linguagem a principal via de comunicação de indivíduo a indivíduo, de grupo a grupo, vemos como o grupo *laboratórios farmacêuticos* se dirige ao grupo *leitor idealizado* para veicular suas idéias. Nosso trabalho aponta para o fato de que a identidade dos diversos grupos sociais evidenciam-se por marcas de linguagem (cf. CARVALHO et alii., em andamento).

RESUMO: *mostramos como a identidade do leitor idealizado pelos laboratórios pode ser apreendida das marcas lingüístico-discursivas da seção Informação aos Pacientes das bulas de remédios que acompanham os medicamentos.*

PALAVRAS-CHAVE: *identidade, bulas, leitor culto*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATHIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman,



1993.

CARVALHO, M.B., FERREIRA, L.M.A. & ORRICO, E.G. *A bula e suas complicações: uma análise lingüístico-informacional*, projeto de pesquisa em andamento, UNIRIO.

NUNAN, D. *Introducing Discourse Analysis*, London: Longman, 1993.